

**DES-COSTURAR O DOMÉSTICO E A 'MADRESPOSA' – A BUSCA POR AUTONOMIA
ATRAVÉS DO TRABALHO ARTESANAL**

*Un-sew the domestic and the 'motherwife' – the search for autonomy through
craftwork*

SILVA, Márcia Alves¹
EGGERT, Edla²

RESUMO

Esse texto apresenta e discute experiências de mulheres artesãs investigadas na cidade de Pelotas/RS. A investigação ocorreu a partir de uma pesquisa realizada no período de 2006-2010 em uma cooperativa de trabalhos artesanais e fez uso de experiências narradas e analisadas com base nos estudos advindos da teoria feminista.

Palavras-chaves: Teoria feminista; Trabalho feminino; Divisão sexual do trabalho; Artesanato.

ABSTRACT

This article presents and discusses experiences of craftswomen investigated in Pelotas/RS. The investigation started from a research developed during 2006-2010 at a craftwork cooperative and used experiences which are narrated and analyzed based on feminist theoretical studies.

Keywords: Feminist theory; Female work; Labor division; Craftwork.

¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFPel. E-mail: prof.marciaalves07@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS. E-mail: catarinamaas2010@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta e discute experiências de mulheres artesãs investigadas na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. A investigação ocorreu a partir de uma pesquisa realizada no período de 2006-2010 em uma cooperativa de trabalhos artesanais e fez uso de experiências narradas e analisadas com base nos estudos advindos da teoria feminista. Para isso, contamos, basicamente, com a obra da pesquisadora mexicana Marcela Lagarde (2005) por desenvolver uma categoria que compreendemos como sendo muito apropriada para a discussão, que é a categoria das *'madresposas'*, que sintetiza o papel social exercido pelas mulheres; e, estudos no campo da metodologia da pesquisa-formação e pesquisa documentária. A pesquisa-formação tem como base os estudos de Marie-Christine Josso (1999, 2004, 2007) e a pesquisa documentária baseada nos estudos de Wivian Weller e Ralf Bohnsack (2006). Buscamos ampliar a utilização da categoria de *'madresposa'*, bem como adaptamos as propostas da pesquisa-formação e pesquisa documentária à realidade do campo investigado.

Os depoimentos das mulheres artesãs, que serão trazidos ao longo desse texto, são oriundos de conversas e questões relacionadas com as trajetórias de aprendizagens no universo do artesanato e suas vinculações com o universo feminino. Isto é, perguntamos e conversamos sobre como essas mulheres trabalhadoras no artesanato cumprem seus papéis de *'madresposas'* e quais os possíveis conflitos e crises estabelecidos nas trajetórias entre trabalho e família. Tratam-se de vivências que apareceram fortemente nas falas das pesquisadas, a ponto de produzirem uma categoria fundamental de análise. São trajetórias de vida e de trabalho profundamente marcadas pelas famílias das artesãs, tanto suas famílias de origem (como pai, mãe, irmãos e irmãs) como as famílias que constituíram na fase adulta (formada por marido, filhos, e parentes próximos).

O artesanato é compreendido, nessa reflexão, como um dos trabalhos das mulheres, apontado em nossa pesquisa como trabalho invisível. Nessa perspectiva e compreendendo que o trabalho é uma ação humana criadora de cultura discutida por Karl Marx (1969, 1979), fazemos a relação direta de que as mulheres produzem conhecimento, cultura e produtos, mas que, em grande medida, todas essas coisas ainda permanecem invisíveis e o mais preocupante: segundo nossas constatações, elas permanecem invisíveis no próprio cotidiano das mulheres.

O DOMÉSTICO COMO LUGAR DAS MULHERES

Sobre a família e o doméstico entendemos que esse tem sido o lugar de reconhecimento das mulheres. Lagarde (2005) define a família como sendo "moldada por um conjunto de relações, instituições, personagens e territórios" numa lógica privada.

As chamadas relações de parentesco se definem a partir do reconhecimento da filiação e da conjugalidade. As relações de parentesco se confundem com as relações biológicas. Como instituições sociais relacionadas à constituição familiar, Lagarde (2005) identifica e caracteriza a maternidade, a paternidade e o matrimônio. Sobre a maternidade, afirma que as mulheres não têm como se desvencilhar dessa função. Mesmo que um filho morra, ela segue sendo

mãe. Além disso, a mulher nem precisa ser mãe biológica, ela sempre conquista e simultaneamente ganha a tarefa de cuidar de alguém: ou do pai, da mãe, da tia, do tio, do irmão mais velho ou mais novo, de um amigo, inclusive! As mulheres são sempre *de alguém e para os outros*.

Para os homens, a função paterna foi produzida em nossa sociedade de maneira muito distinta. Primeiramente, a paternidade é baseada por uma suposição, não comprovável e, portanto, não evidente. A paternidade pressupõe a aceitação do homem. É uma relação de convenção social (LAGARDE, 2005, p.374), que, se o homem não a aceita, não é castigada como é no caso das mulheres que, eventualmente não queiram ter filhos, ou rejeitem um nascimento.

E o matrimônio heterossexual é uma instituição que define regras para o exercício da conjugalidade. Nas sociedades ocidentais (e não apenas nessas) existe uma espécie de 'exigência' do exercício da monogamia feminina. Isso faz parte do pacto social do matrimônio. Segundo Lagarde (2005), essa regra procura garantir a paternidade, pois de um lado, garante a exclusividade no que se refere à prática sexual da mulher e, por outro lado, assegura a esse mesmo homem o reconhecimento por parte da mulher como sendo ele o progenitor.

Antes de adentrar no universo das vivências familiares das artesãs é importante diferenciar família de grupo doméstico. Conforme Lagarde (2005), uma família pode ser um grupo doméstico. No entanto, um grupo doméstico, além da família, pode incluir outras relações, baseadas na servidão, no trabalho assalariado, na amizade, enfim, abrangendo pessoas não vinculadas à família nem por filiação, nem por conjugalidade. Dessa forma, um grupo doméstico se constitui em um espaço com fins de reprodução privada de um determinado grupo social. Assim, um grupo doméstico pode ser uma família, um grupo de famílias ou até comunidades específicas, como asilos, prisões, abrigos etc.

Lagarde (2005) identificou algumas características que são compartilhadas pelos mais diversos grupos. Os domésticos possuem basicamente a incumbência de:

- a) Procriar e reproduzir os seres humanos de acordo com a ordem social e cultural de determinado contexto histórico;
- b) Humanizar os indivíduos em sua própria cultura, convertê-los em sujeitos;
- c) Converter os seres humanos em seres sociais com personalidades e identidades próprias, no entanto, estruturadas em torno dos eixos de gênero, classe social e etnia;
- d) Reproduzir as estruturas e hierarquias de poder social e de Estado, a partir da identificação no processo de formação de identidades, utilizando rituais e normas particulares de relações;
- e) Reproduzir as instituições específicas que fazem de cada grupo doméstico um perfil diferente (família, asilo etc.);
- f) Realizar a articulação do mundo da reprodução com a produção, enfim, do público com o privado;
- g) Garantir a construção privada do consenso, articulando suas formas de coerção, que por vezes pode envolver dor, temor, cativeiro, reclusão, exclusão, proibição, premiação, inclusive numa relação entre vida e morte, e ainda;
- h) Conformer um espaço que implica, além dos cuidados vitais, outros eixos privados de reprodução, que envolve a intimidade, o descanso, o sentimento, o erotismo etc. (LAGARDE, 2005).

É importante observar o que Lagarde (2005) afirma sobre as funções que as mulheres possuem em torno desses grupos domésticos: consomem praticamente toda sua energia vital em função dos cuidados com os outros. O cuidado com os outros é significativo para as mulheres, ou seja, dá sentido às

suas vidas. A partir dessas considerações, apresentamos experiências narradas pelas mulheres investigadas.

DE MENINAS-MÃES À 'MADRESPOSAS'

Nos depoimentos de algumas artesãs, é possível perceber fortemente os vínculos com suas próprias mães, sendo elas responsáveis por grandes influências na vida e nas escolhas futuras das artesãs. Para Lagarde (2005), a relação com as mães é um dos processos culturais mais complexos. Rapidamente, as mães começam a exercer e encaminhar um processo de humanização com seus filhos e filhas, transmitindo-lhes cultura, o que a autora chama de 'comprimidos infantis', ensinando o que é ser homem e o que é ser mulher, em quais condições se obedece, quando e quem manda. A mãe é responsável pela transmissão da tradição patriarcal, entendida, no senso comum, como natural.

Nessa investigação, por meio de uma metodologia chamada Grupos de Discussão, reunimos seis artesãs para conversar sobre as suas experiências formadoras no trabalho de artesanato. Elas identificaram passagens de suas infâncias que consideraram marcantes para suas trajetórias futuras, nas quais suas mães exerceram papel fundamental. Destacaremos aqui alguns trechos que denotam essa característica.

Começamos com o depoimento de Vermelha³, quando aborda elementos de sua infância, muito relacionada com a atividade de costureira exercida por sua mãe. Quando questionada sobre os acontecimentos que a influenciaram para que se tornasse artesã, prontamente identificou aspectos ligados à sua família de origem.

Eu acho que eu iniciei também criança, eu via, a mãe costurava, as minhas irmãs também, e eu cresci olhando assim, sentada do lado delas e elas na máquina, a gente começava a brincar com as bonecas e elas assim trabalhavam. [...] (VERMELHA, Grupo A, nov. 2008).

Ela relata que desejava crescer logo para poder mexer na máquina de costura. Exercitavam pequenos moldes em papel, plástico e em roupas. O pai também possuía habilidades no trabalho em madeira. Assim, ela observou que a família propiciou um ambiente próprio ao trabalho manual. E à medida em que entrou para a escola, escolheu as artes como seu lugar de destaque. Segundo o seu relato, ela desejava cursar Belas Artes.

Na medida em que Vermelha relatou a atividade em costura e que isso teve um papel importante na sua vida, essa passagem também repercutiu na fala de outras mulheres e fez aflorar outras trajetórias da infância. Assim, apareceu o relato de Lilás vinculado à costura. Ainda no mesmo encontro, Lilás falou:

Lembranças né!!! A hora que ela falou eu lembrei: a mãe ganhou a máquina do pai e foi o pai que ensinou a mãe, a mãe pedalava e ia um pouco pra frente e um pouco pra trás... aí eu me apaixonei por aquilo ali, mas a mãe não deixava eu chegar perto... bahhh... e eu pegava pedaços de tecido assim e costurava, geralmente fazia uma bainha, uma coisinha simples... Quando a mãe não estava, era sempre escondido. Mas sabe que o que eu mais adorava fazer, até porque era bem simples, bem rapidinho? Era vestidinho pra boneca, ou calça, mas era mais vestidinho, porque eu já tinha o tamanho certinho que era das meias do pai... (LILÁS, Grupo A, nov. 2008)

³ Na referida pesquisa, as artesãs foram identificadas por cores ou texturas. Realizamos dois grupos de discussão baseando-nos nas orientações da pesquisadora Wivian Weller (2006). Os grupos foram denominados de Grupo A e Grupo B.

As atividades exercidas pelas mães das artesãs 'marcaram' suas vidas e, o mais importante disso é perceber que as próprias artesãs reconhecem que esses momentos foram importantes para suas trajetórias com o artesanato.

Em um segundo grupo que também foi reunido para conversar sobre suas experiências formadoras (Grupo B), a participação das mães na trajetória das filhas apareceu de forma ainda mais marcante e intensa. Esse aspecto ficou expresso na narrativa de Verniz, que fez referência a sua mãe em vários momentos do encontro.

Pra mim um relato importantíssimo pra minha vida e que me levou onde eu estou hoje, com todas as coisas que eu faço, que não é uma, que são inúmeras coisas que eu aprendi a fazer... Eu posso resumir que foi minha mãe. A minha mãe é que me deu a base para o que eu sou hoje. Porque através das broncas, através da resistência dela em dizer que a gente tinha que aprender algo na vida, no nosso caso a gente foi criada 'pra casa' e não para ter uma vida independente... que a única coisa que a gente sabe fazer na vida era cuidar de filho, cozinhar, cuidar de casa, e pra isso a gente não poderia sair para trabalhar fora, então a gente tinha que saber fazer algo de trabalhos manuais pra tirar nossa renda em casa, sem deixar a casa, sem deixar os filhos e o marido... sem dar assistência... ela foi criada assim e nos criou assim. Então para ela o estudo não tem valor algum, entende? O estudo o que tem valor para ela é saber ler, escrever e fazer conta para tu saber o quanto tu vai ganhar, com quanto tu vai te manter... curso superior não existe para ela. Tu ser um médico, tu ter uma profissão, um diploma, não tem valor; e eu sempre achei que era diferente... a gente foi criada nesse sentido, de ser dona de casa (VERNIZ, Grupo B, jan. 2009).

A idéia da independência ainda é uma idéia assustadora para a maioria das mulheres. Assumir que deseja algo e dizer que "eu sou eu mesma!" é uma conquista que se confronta internamente em muitas situações no mundo das meninas, adolescentes e mulheres adultas e idosas. Por isso a mãe de Verniz é a responsável pelo ensinamento patriarcal de fazer com que a filha desde cedo se conformasse em trabalhara para o seu sustento dentro da sua própria casa. O Estado, por sua vez, ao não "ver" essa mulher trabalhando, produzindo produtos de consumo artesanal, não vai reconhecê-la como cidadã trabalhadora, apenas a reconhece como "mais uma dona de casa!" assim como foi a sua mãe, a sua vó, a sua bisavó.

O inusitado, porém, acontece que elas querem mais! No relato de Verniz aparece a constatação de que ela já não acha suficiente estar casada e ser dona de casa. Para ela, o 'suficiente' seria ela poder pagar as suas contas!

[...] mas quando eu cheguei num certo momento da minha adolescência eu queria mais, aquilo não era mais suficiente, não era suficiente eu ser dependente de marido, como não é até hoje, eu dependo, mas para mim não é suficiente... eu ter alguém que pague as minhas contas, que me dê roupas, que me dê comida, entende? Para mim o suficiente seria eu me manter com as minhas condições, com o meu dinheiro, casada e poder manter os meus filhos sem depender do dinheiro do meu marido. Isso seria o suficiente para mim (VERNIZ, Grupo B, jan. 2009).

Assim como Vermelha, Verniz também é filha de costureira. No caso de Verniz, a mãe conduziu a educação das filhas para serem boas donas de casa. Elas precisam dominar as técnicas de limpar, cozinhar, costurar. "[...] todas essas questões domésticas nós tínhamos que fazer direito... e a gente não gostava, mas mesmo assim a gente fazia porque a gente devia obediência" (VERNIZ, Grupo B, jan. 2009). Ao relatar esse aprendizado ela reconhece a importância de sua mãe em sua vida e, mais ainda, reconhece como ela mesma reproduz aspectos dessa relação no exercício de sua própria maternidade.

Verde, por sua vez, reconhece que a relação com sua avó na sua infância foi determinante no seu interesse futuro pelo artesanato. Essa constatação apareceu na seguinte passagem de sua narrativa:

Até um dia desses nós comentávamos, eu fazendo aquele crochêzinho assim 'isso aqui a vó me ensinava quando eu estava em férias!!!', porque tudo que eu sei de artesanato foi minha vó que me ensinou, porque eu ia para lá. A vó me botava em cima da cama dela, e 'pega tua agulha, e 'pega tua linha' e eu ia fazendo e ela ia me ensinando, tudo que eu sei: bordar eu sei, sei tricotar, sei fazer crochê e pintar não, pintar eu já aprendi na Igreja, mas essas coisas manuais, porque a vó me ensinava. Eu tinha que saber porque eu tinha que fazer os bordados das roupas dos meus filhos, e eu fazia as roupas das minhas bonecas, isso eu me lembro, então eu me lembrava assim que isso eu não sei de hoje, eu sei de muito tempo...!! Porque nas férias a mãe não tinha onde me socar, então ela mandava um para cada canto e eu ia lá para a vó (VERDE, Grupo B, jan. 2009).

As aprendizagens por meio das trocas entre as mulheres do grupo familiar são aspectos que consideramos importantes a serem observados pelos grupos sociais como as cooperativas, mas também é matéria para a escola se debruçar. Todos os depoimentos coletados indicam aspectos que envolvem busca por conhecimento. De uma forma ou de outra, essas mulheres quiseram ou tiveram que aprender para organizar as suas vidas.

A sociedade, na qual estamos inseridas tem como eixo estruturador a lógica e os ensinamentos patriarcais. Segundo Lagarde (2005, p.375), a figura do pai é ensinada simbolicamente como aquele ser que é completo, "dirige o trabalho, a sociedade e o Estado. A qualidade de pai é somada aos outros atributos masculinos patriarcais e dá poder a ele." O homem aprende desde cedo que ele tem mais poder que a mulher. Essa é uma constatação que não é simples, pois temos muitas mulheres 'mandonas' e com poder, e poderíamos dizer com isso que essa conversa de homem dominar mulher já acabou faz muito tempo. Mas não confere. É preciso observar que, quando as mulheres detêm o poder, elas, na verdade já estão postas simbolicamente no mesmo patamar dos homens com poder. Aliás, muitas vezes ouvimos: "ela é corajosa, manda bem" (isso quando não vem seguido de "como um homem!"). Outras pessoas podem assumir esse papel de 'pai simbólico' no imaginário humano, inclusive, pode ser a própria mãe, a professora, a gerente, a juíza etc., a assumir e reproduzir o modelo de família e sociedade patriarcal.

De acordo com Lagarde (2005), durante a infância as mulheres são preparadas para o exercício do papel de mãe e cuidadora, onde as conhecidas brincadeiras infantis cumprem um papel formador. Dessa forma, o lúdico é um espaço simbólico de aprendizagem onde as meninas desenvolvem a vivência da maternidade infantil. Trata-se de um grande processo de aprendizagem no qual as meninas estão envolvidas desde cedo. E algumas concretamente realizam esse papel já em tenra idade. São o que Lagarde denomina de meninas-mães, que "cumprem funções maternas para com crianças menores que elas" (LAGARDE, 2005, p.401).

Com as artesãs, essa situação ocorreu e suas narrativas visibilizaram esse contexto. São os papéis de meninas-mães surgindo nos depoimentos das mulheres sobre suas vivências e aprendizagens no mundo do trabalho artesanal.

Verde, em seu depoimento, salientou a importância das experiências vividas na infância na determinação de nossas trajetórias. Definiu-se como sendo uma pessoa autônoma, e que essa autonomia está muito vinculada a fatos que aconteceram em sua infância, como o cuidar dos irmãos menores.

Azul também passou pela experiência de cuidar de crianças. Desde muito nova, passou a cuidar de sobrinhas gêmeas e mais tarde cuidou de sobrinhos do pai. Ela conta que ganhava um dinheiro com o cuidado das crianças e a

limpeza da casa, ou seja, fazia trabalho de adulto. E foi nessa época que Azul teve seu primeiro contato com o artesanato, inclusive, no espaço escolar. Após esse período, no qual aprendeu a fazer crochê com a tia, veio o colégio onde aprendeu a bordar o ponto vagonite com uma professora que todas as alunas adoravam. Observou em seu depoimento que, ao fim e ao cabo, ela não tinha tempo de aprender melhor, pois tinha todas as tarefas da casa: “[...] nem dava tempo, porque cuidava criança e estudava e coisa, não dava tempo dessas coisas, nada” (AZUL, Grupo A, nov.2008).

Verniz também foi cuidadora de crianças em sua infância. Com 14 anos, trabalhou em uma casa de família. Uma parte do salário era para a contribuição da sua família:

Todos que começaram a trabalhar, não interessava se era homem ou se era mulher, tinha que ajudar em casa. Porque comia né, ‘então agora que tu trabalha tu já pode dar tua cota [...] eu me lembro muito bem como se fosse hoje, eu queria trabalhar mas eu não estava mais a fim de estudar, então ela disse ‘ou tu trabalha ou tu estuda’, então eu optei por trabalhar e ter o meu dinheiro, porque o que eu queria ela não podia bancar, e aí eu digo ‘o que que eu vou fazer...’, porque a única coisa que eu sei fazer direito é cuidar de criança, aí é que eu fui ser babá de criança, com 14 anos. [...] eu só saí de lá quando eu casei, com 21 anos. Eu entrei com 14 e saí com 21. [...] Aí quando eu casei eu só saí do serviço por causa que eles moravam no (bairro) Fragata e eu vim morar no (bairro) Areal, aí ficava um trecho muito difícil pra mim chegar no horário que ela tinha que sair de casa, aí eu teria que sair mais ou menos 5 e meia, 20 para as 6 para ela sair 20 para as 7. Então ficava difícil, ela trabalhava no hospital, tinha que manter o horário. Mas foi só por isso, senão eu estaria lá até hoje, estaria cuidando a minha neta hoje lá, vamos dizer assim [risos] (VERNIZ, Grupo B, jan.2009).

Sabemos que o exercício da maternidade na infância é socialmente negado, embora seja incentivado, em especial, por meio dos brinquedos e das brincadeiras. No entanto entendemos que, quando elas cuidam de fato de crianças menores, essa experiência é uma verdadeira maternidade, mesmo que seja compartilhada com a mãe ou outras mulheres adultas e que venha a ocupar menos esforço e tempo do que o empreendido pelas adultas. O que caracteriza que o que elas exercem é maternidade é o fato de que as meninas atuam diretamente no processo de reprodução social, afetiva, intelectual e, inclusive, material de (ou para) outra pessoa. Além disso, devemos levar em conta sempre o espaço e o tempo que essas relações e funções maternas ocupam na sua própria vida, contribuindo para a formação de sua própria identidade. Isto é, aprendem a entregar sua energia vital sempre em função dos afazeres domésticos para os outros, como se isso fosse natural, “próprio” delas.

Lagarde afirma que *todas* as mulheres são ‘madresposas’, independente de sua condição concreta de mãe e/ou esposa. Dessa forma, a categoria de ‘madresposa’ torna-se fundamental para nossa análise e abarca todas as mulheres investigadas, assim como quem investiga. Entendemos que essa categoria é significativa, já que denota aspectos relativos tanto à maternidade como à conjugalidade, centrais no que se refere aos estudos sobre o universo feminino. Ainda segundo a referida autora, “a maternidade e a conjugalidade são as esferas vitais que organizam e conformam os modos de vida femininos, independente da idade, da classe social, nacionalidade, religiosidade ou posição política das mulheres.” (LAGARDE, 2005, p.363).

Sendo assim, como vimos, as mulheres (mesmo as que não exercem a maternidade concretamente) podem ser ‘mães’ de pais, irmãos, maridos, sobrinhos, afilhados, amigos, companheiros de trabalho ou estudo, uma vez que exercem esses papéis mesmo que simbolicamente. São cuidadoras e,

mesmo que a sociedade não as reconheça como tais são mães, já que exercem, em grande parte, os papéis tradicionalmente e oficialmente relacionados com a maternidade.

Não podemos falar de 'madresposas' sem nos remetermos às constituições familiares. Como vimos, a família toma uma dimensão fundamental para se pensar as trajetórias femininas. E, como vimos anteriormente, as mulheres sempre conformam grupos domésticos, onde as funções de mãe e esposa possuem espaço fundamental.

Quando as artesãs abordaram a experiência da maternidade, ficou evidente o atrelamento da maternidade a outros desafios impostos a elas. Desafios relativos a diversos aspectos da vida humana, principalmente, no que se refere a outras opções profissionais ou de formação.

O debate sobre esse tema no Grupo B, Marrom lembrou sua própria trajetória estudantil, também interrompida por uma gestação. O interessante nessa narrativa é a própria constatação do 'boicote inconsciente' produzido no contexto.

Depois que eu já era casada e já tinha meus dois filhos mais velhos, aí eu ia fazer - naquele tempo era o Curso Normal -, eu tinha feito o Científico, até não tinha feito o terceiro ano, aí eu ia fazer o exame para o normal, aí eu resolvi engravidar da terceira ... a gravidez é uma fuga, de alguma coisa, é um medo, uma fuga, alguma coisa, porque na hora que eu ia entrar para fazer o Normal, eu engravidei. Aí a desculpa que eu tinha, que eu não fiz, por causa da criança, mas **a criança foi uma desculpa** (MARROM, Grupo B, jan.2009, destaque feito pelas autoras).

Marrom destacou em seu depoimento a percepção da gravidez como se tratando de um processo de fuga, ocasionada por algum desafio a ser enfrentado. Essa afirmação refletiu-se imediatamente na colega do grupo, Verniz, que se identificou com essa constatação.

[...] essa foi uma das fugas que eu tive, tanto na gravidez do menino como na gravidez da menina. Quando eu terminei o segundo grau não era para eu engravidar, era para fazer vestibular. 'Não, mas agora eu quero filho'... né. Na gravidez da menina também, era para fazer o vestibular. 'Não, mas já que agora os dois estão querendo filho eu vou ceder e vou engravidar'. Mas o meu medo de fazer o vestibular não era o medo de passar, de estudar, é eu chegar e passar por todas as etapas e chegar na monografia... entende?[...] Isso dá um medo de ser rejeitada (VERNIZ, Grupo B, jan.2009).

E a justifica sua postura com base na educação da mãe/família. Surge o discurso da importância da mãe e da esposa que de todos precisa cuidar e convocar, a fim de manter o lar unido.

A mãe criou a gente para ser dona de casa, para ter os filhos, para estar ali a todo momento que o marido queira e deseja que a gente esteja do lado. E a hora que tu sentir que tu pode fugir disso, dá um certo medo, o medo (VERNIZ, Grupo B, jan.2009).

Dessa forma, aparece aqui o reconhecimento da mãe como continuadora de uma tradição patriarcal, de forma que ela venha a cumprir os papéis esperados. E o vestibular, nesse caso, significaria romper com essa situação. Mais do que isso, existe um medo de ser rejeitada em um outro espaço, até então desconhecido e que causa estranhamento, que é o espaço acadêmico. O espaço doméstico é o 'porto seguro', um espaço que, mesmo diante das dificuldades e, porque não dizer, frustrações, é um ambiente conhecido e, portanto, de mais fácil 'manejo'. Assim, a gravidez apareceu como fuga, uma forma de retomar os papéis esperados por todos e obter, dessa forma, aceitação social nos grupos domésticos de pertencimento.

Nesse contexto do diálogo entre o grupo segue uma reflexão frente à vida. Segundo Verde:

Eu não sei, mas eu tenho a impressão que a gente não está cumprindo o papel que a gente veio ao mundo para cumprir. Qual o papel investido assim? É que a gente tem que ser mãe, é que a gente tem que ter filhos, que a gente tem que casar, então parece que isso foge né, quando tu encara, assim, uma outra situação de fazer faculdade e coisa, foge do que é esperado da gente... E aí eu vou fazer o que é certo... (VERDE, Grupo B, jan.2009).

Nessa passagem, Verde aponta para a compreensão da situação de dependência, a qual, muitas vezes, as mulheres se vêem envolvidas. É oportuno ressaltar a experiência de militância de Verde, que marcou e tem marcado profundamente sua trajetória de vida. Verde, além de possuir formação acadêmica, possui uma vivência com movimentos sociais muito intensa, partindo de sua experiência nas comunidades eclesiais de base e também na militância partidária. Verde foi, inclusive, candidata à vereadora nas últimas eleições na cidade. Sua experiência de militância inclui movimentos de mulheres, o que lhe confere um olhar apurado sobre as questões de gênero.

No entanto, é possível perceber no grupo que, mesmo no que se refere a situações que poderiam apontar para um processo de emancipação, aspectos relativos à conjugalidade são mantidos. Verde identifica que ainda não chegou na possibilidade de se auto-sustentar e que, na relação com o marido existem planos e neles estão primeiro ele finalizar os seus estudos e somente depois disso ela irá fazer faculdade.

Na narrativa de Verde, aparece fortemente o desejo de se manter financeiramente sozinha, o que poderia apontar para uma situação de maior autonomia. Mas essa intenção aparece com o objetivo do marido prosseguir em seus estudos. Portanto, Verde atrela aos seus próprios planos de futuro os planos do marido, privilegiando os planos dele.

Lagarde, quando trata da relação de dependência das mulheres em relação 'aos outros', percebe o lugar privilegiado dos homens nessa relação. A mulher 'madresposa' valoriza mais a existência do esposo do que a dela, pois é o esposo que garante o reconhecimento dela como 'madresposa'. Quase nos parece exagerado o que Lagarde (2005, p.367) afirma: "Para existir elas precisam ser esposas". Porém, ao ouvirmos e observarmos o cotidiano das mulheres, em geral, constatamos esse máximo ainda em vigor.

A questão financeira apareceu fortemente nos encontros encaminhados na pesquisa. A independência econômica é vista como uma pré-condição para o exercício de uma maior autonomia em suas vidas. No entanto, o exercício da maternidade mostrou ser um dificultador nesse aspecto.

Verde demonstrou ter vontade de alcançar uma maior independência financeira em relação ao marido. Em seu relato, disse: "[...] eu gostaria de manter a casa, eu com meu dinheiro, sem precisar tanto do dele [...]" (VERDE, Grupo B, jan.2009). A ideia de manter a casa está relacionada com a ideia de se sustentar (a si, a seus filhos e às suas próprias demandas pessoais). Parece que aqui a casa, enquanto representante do espaço doméstico, se confunde com si própria... É interessante perceber que a casa dá a ideia de autonomia, mesmo o marido fazendo parte desse lugar. Dessa forma, ser autônoma e independente está diretamente relacionado com o domínio do espaço doméstico.

Lagarde (2005) desenvolve o conceito de 'servidão voluntária', onde afirma que é um fenômeno de consentimento da opressão e que sem esse consentimento não haveria o exercício do poder. A autora busca uma explicação para justificar a constante servidão voluntária das mulheres e a encontra no processo de dependência, que se manifesta nas mais diversas formas, inclusive, na econômica. "A dependência é a metodologia operativa da opressão patriarcal" (LAGARDE, 2005, p.165).

A dependência por si só é uma característica inerente às relações sociais que unem os indivíduos e/ou grupos sociais. Surge a partir das diferenças e é o que faz com que exerçamos a vida em sociedade. No entanto, no modelo de opressão patriarcal que envolve as mulheres "a dependência tem sido eixo da condição histórica da mulher da situação particular das mais diversas mulheres" (LAGARDE, 2005, p.167).

Esse processo de dependência feminina pode se referir a tudo que é exterior a elas, que as faz dependentes dos homens, dos filhos, dos pais, de outras mulheres, das relações sociais, de instituições etc. Portanto, os laços de conjugalidade e de maternidade, combinados com a dependência econômica constroem o alicerce no qual o processo de servidão voluntária se instala.

Sobre o poder do econômico nas relações familiares em geral, Verde definiu da seguinte forma:

As coisas sempre acontecem nas relações econômicas... Isso acontecia muito lá no Conselho⁴ [Tutelar]. Ahhh, a briga toda estava 'porque eu vou perder tanto em dinheiro, ou eu não vou ganhar a Bolsa Família tal, ou eu vou perder...' Ao fim e ao cabo as nossas relações acabam... elas são permeadas pela grana, pelo dinheiro (VERDE, Grupo B, jan.2009).

Como podemos perceber, as artesãs que participaram da pesquisa tiveram suas vidas fortemente marcadas por seus laços familiares. São mulheres que assumem suas trajetórias, demonstrando conhecer as influências que sofreram de suas famílias, tanto as de origem como as famílias que constituíram com o tempo.

O SILENCIAMENTO E A INVISIBILIDADE DO ESPAÇO PRIVADO

Vimos que as atividades exercidas pelas mulheres são, em grande parte, realizadas nos grupos domésticos e, portanto, pertencentes aos espaços privados. Destacar as mulheres no processo de trabalho significa admitir que elas têm uma história e que participam e sempre participaram de forma ativa na construção do todo social. Conforme Michelle Perrot, as mulheres

tiveram que esperar até o final do século XIX para ver reconhecido seu direito à educação e muito mais tempo para ingressar nas universidades. No século XX, descobriu-se que as mulheres têm uma história e, algum tempo depois, que podem conscientemente tentar tomá-la nas mãos com seus movimentos e reivindicações. Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita. Hoje já é uma área acadêmica consolidada (PERROT, 2007, p.11).

Para a historiadora francesa, escrever sobre as mulheres nada mais é do que fazê-las sair do silêncio ao qual elas têm se confinado. Mas por que esse silêncio? Para Perrot a história é, além dos fatos e do que acontece, o relato que se faz de tudo isso, e as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato. Isso ocorreu por vários motivos.

⁴ Verde exerceu o cargo de Conselheira Tutelar por dois mandatos.

Em primeiro lugar, essa invisibilidade se deu porque as mulheres foram menos vistas no espaço público. Ficaram muito tempo em casa, com suas vidas resumidas à família. Em muitas sociedades, a invisibilidade das mulheres faz parte da ordem social. Até mesmo o corpo das mulheres amedronta/envergonha, por isso, em algumas culturas, tem sido preferível que elas estejam com os corpos cobertos.

A segunda razão do silenciamento é o que a autora denomina de *silêncio das fontes*, pois como são pouco vistas, pouco se fala delas. Como seu acesso à escrita foi tardio, deixaram poucos vestígios escritos. Muitas vezes, as próprias mulheres se encarregam de apagar seus vestígios, por desvalorizarem suas produções. Afinal, por serem 'apenas' mulheres, pensam que suas vidas não valem muito. Isso não significa dizer que não se escreve sobre elas, mas o que acontece é que, muitas vezes, são os homens que fazem essa escrita, demonstrando representações idealizadas, muitas vezes generalizadas e reduzidas a estereótipos, onde se percebe que "as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas" (PERROT, 2007, p.17).

Outra característica do silenciamento se refere ao *relato*. O relato histórico geralmente se refere aos 'homens públicos' e valorizando-se os espaços públicos: são fatos sobre guerras, reinados, homens 'ilustres', enfim, 'grandes' acontecimentos. Isso não significa que as mulheres não participaram dos grandes acontecimentos históricos, pelo contrário. No entanto, o que ocorre é que sua participação acaba sendo obscurecida. Conforme Célia Amorós (1994, p.33), "os homens têm mantido o pacto de reciprocidade entre eles" e todos os fatos em que eles estão presentes se traduzem politicamente. Enquanto que com as mulheres "ocorrem coisas curiosas", pois ao comprovarem que conseguem ser desde secretárias à operárias e guerrilheiras, elas seguem não tendo registro sobre essas participações. Amorós defende uma cidadania igualitária para ambos os sexos, mas admite que homens e mulheres têm ocupado posições bem distintas na sociedade, o que tem dificultado por parte das mulheres o exercício de seus direitos de cidadãs. Desenvolve a idéia de que é a partir do público que as pessoas se reconhecem e são reconhecidas como sujeitos. De acordo com essa lógica, no espaço público os sujeitos se encontram como cidadãos, o que não ocorre nos espaços privados. Isso acontece porque as atividades socialmente mais valorizadas, ou seja, as que possuem maior prestígio, são realizadas por homens. E são exatamente essas atividades que constituem o espaço público. Portanto, para uma atividade ser valorizada, há a necessidade dela se tornar pública e, portanto, visível. Célia Amorós (1994, p.26) denomina o espaço privado como sendo o 'espaço das idênticas', que nada mais é do que o espaço da *indiscernibilidade*, porque 'é um espaço no qual não há nada substantivo para repartir enquanto poder, nem enquanto prestígio, nem a reconhecimento.'

Dessa forma, o espaço público se caracteriza como o espaço dos iguais (onde a cidadania se manifesta como precursora da igualdade social) e o espaço privado se caracteriza como sendo o espaço das idênticas, onde é dificultada a possibilidade de instauração de princípios de igualdade social e do exercício da cidadania.

DO PRIVADO PARA O PÚBLICO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a articulação entre o trabalho artesanal e o feminismo, se olharmos com mais atenção a história das famílias no Brasil, veremos que a socialização feminina passava pelo rigor e pela disciplina do aprendizado de 'trabalhos manuais', materializados enquanto técnicas como costura, bordado, crochê ou tricô, realizados no quadro das obrigações familiares e no exercício da maternidade, como tarefas para "ocupar as mulheres", não deixando espaço ou tempo para outras possibilidades 'criativas'. Esse processo de aprendizagem se dava muitas vezes na própria escola ou em outros espaços institucionalizados, como em igrejas, por exemplo.

Nessa investigação, a aprendizagem da costura (SILVA, 2010) foi bem marcante para praticamente todas as envolvidas. Como vimos, Vermelha e Verniz são filhas de costureiras e o aprendizado da costura aconteceu ainda na infância proporcionada por suas mães. Lilás e Verde também aprenderam desde cedo a costurar a partir de um aprendizado proporcionado por integrantes de seus grupos domésticos. Enquanto Lilás se esforçava para usar a máquina de costura da mãe, Verde aprendia a bordar manualmente com sua avó e mais tarde aprendeu outras técnicas artesanais proporcionadas pela Igreja. Quem pesquisou também aprendeu a costurar desde cedo, pois suas mães tinham uma máquina de costura em casa. Além disso, a escola ensinava artesanato e isso fazia parte do currículo, em especial, para as meninas. O espaço escolar formal possibilitou o aprendizado da costura e de outras técnicas de artesanato e de trabalho manual.

Tendo em vista essa situação, muitas mulheres na contemporaneidade passaram a rejeitar os aprendizados em atividades artesanais, em prol da luta por um processo de emancipação feminina. Essa visão compreende o artesanato como um elemento usado na aprendizagem feminina para a manutenção das mulheres no exercício de seus papéis de '*madresposas*'.

Aqui a grande questão que se coloca é a seguinte: a atividade artesanal cooperativada pode auxiliar em um processo que vise à emancipação e a autonomia feminina? Ou, ao contrário, é uma ferramenta utilizada pela sociedade patriarcal que visa a alienação da mulher, utilizada para mantê-la fora dos espaços produtivos formais e também dos espaços públicos em geral, mantendo-a confinada nos espaços domésticos?

Na contracorrente de interpretações que percebem o artesanato como mais um instrumento de dominação feminina, pensamos que ele pode ser um poderoso instrumento de criatividade, elaboração subjetiva, autonomia e formação política, extrapolando, dessa forma, o espaço privado e a individualização, desde que, visando a coletividade.

A experiência coletiva proporcionada pelo cooperativismo tem feito com que o artesanato produzido pelas mulheres cooperadas saia dos seus espaços privados de produção e 'circule' em espaços públicos. Essa passagem do privado para o público tem papel fundamental quando se pensa no artesanato como possibilidade emancipatória, não apenas no aspecto econômico (enquanto produtos artesanais que passam a 'circular' no mercado de produção e consumo), mas também enquanto formação política para as artesãs, em função da experiência vivenciada na cooperativa.

São vivências que, uma vez compartilhadas no grupo, ampliam os horizontes das mulheres que, dessa maneira, podem ressignificar suas próprias trajetórias pessoais. Assim, a experiência no coletivo torna-se uma aprendizagem que extrapola as aprendizagens do espaço doméstico.

REFERÊNCIAS

AMORÓS, Célia. Espacio público, espacio privado y definiciones ideológicas de "lo masculino" y "lo femenino". In: _____. **Feminismo: igualdad y diferencia**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994. cap.1, p.21-52.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário e sua utilização em grupos de discussão. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 11, n.2, p. 19-38, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto : a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiveros de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4 ed. México: UNAM, 2005.

MARX, Karl. **Crítica del Programa de Gotha**. Moscú: Editorial Progreso, 1979.

_____. **O Capital**. Edição resumida por Julian Borchardt. Tradução de Ronaldo Alves Schmidt. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Márcia Alves da. **Alinhavando, bordando e costurando...** possibilidades emancipatórias de trajetórias de trabalho de mulheres artesãs em uma cooperativa popular de Pelotas. São Leopoldo: UNISINOS, 2010. 180 f. (Tese de Doutorado).

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, mai./ago.2006.